

### QUINTETO VILLA LOBOS

O "Quinteto Villa Lobos" se apresentará no último sábado deste mês, às 17 horas, no Teatro Carlos Gomes na série "Música Para Jovens". O grupo camerístico tocará compositores clássicos, ao lado de Ernesto Nazareth e Pinxinguinha. Os ingressos serão vendidos ao preço único de Cr\$ 5,00.

# SERVIÇO

### "SORRISOS" EM IBIRAÇU

"A Chuva de Sorrisos", peça infantil de Pasqual Lourenço dirigida por Milson Henriques, será apresentada hoje em Ibiracú, como parte da festa da cidade. Milson é responsável também pelos cenários e figurinos. Com Giovanni Santos, Evaklo Christ, Tania Oliveira, Milton Neves e José Paçola.

## Teatro



A dança da sereia, em foto de Josemar Gonçalves.

## Bob de Paula e um bom tema infantil: a lenda capixaba

A SEREIA DE MEAÍPE de Bob de Paula, hoje às 16 horas, no Teatro Carlos Gomes. Ingressos a Cr\$ 10,00 (estudantes), Cr\$ 20,00 (inteira) e Cr\$ 100,00 (camarotes). Montagem do Grupo da Barra do Jucu, com direção do autor e de Alcione Dias. Reprise.

Alcione Dias faz teatro há muito tempo em Vitória. Trabalhou com Gilson Sarmento em "Marquinhos Fru... Fru..." de Maria Clara Machado e em "Cenas de Shakespeare". Com Toninho Neves trabalhou em "O Inspetor Geral", de Gogol. Sua última participação em teatro foi em "Anchieta", dirigida por Paulo de Paula em junho de 1976.

Segundo Bob, a peça "A Sereia de Meaípe", é baseada numa lenda sobre os mares capixabas, mais precisamente sobre os mistérios que envolvem a poça da Meirinha em Meaípe, praia capixaba, que fica ao sul de Anchieta, onde vivem centenas de pescadores.

"A Sereia de Meaípe" foi escrita com base numa lenda capixaba, registrada pela historiadora Maria Stela de Novais e também em passagens históricas. Bob de Paula e Alcione foram a Meaípe fazer uma pesquisa sobre o fato, conseguindo várias informações. Alcione revela que eles conversaram com o povo, os idosos e os jovens, e descobriram o local onde a sereia apareceu. E, segundo um casal entrevistado pelos diretores da peça, "a sereia apareceu, há alguns anos para umas mulheres que estavam lavando roupa na poça da Meirinha e as encantou".

Para os moradores de Meaípe, a história da "sereia" é a seguinte: "Uma mulher aparecia em cima de uma pedra no meio

da poça. Ficava ali e depois desaparecia. O local, segundo alguns, era realmente digno de uma sereia: uma rocha imensa que dá para o mar e quase junto ao mar, incrustada na rocha uma espécie de lagoa, azul e funda, cheia de peixinhos, e verdões e sedosas algas que davam vida especial à poça".

Segundo informações da professora Anita Rosa de Magalhães Góes, Meaípe, foi fundada por um holandês e uma portuguesa que chegaram no século XVI e deram o nome do lugar de "Meaípe" que significa "cidade paraíso".

"A Sereia de Meaípe" é a primeira peça escrita, por Bob de Paula e apresentada pelo Grupo de Teatro de Barra que, segundo o diretor, "tem se dedicado a trazer ao público capixaba um teatro capixaba, baseado-se sempre em temas históricos do folclore do Espírito Santo".

A produtora do espetáculo, Alcione Dias, informou que "A Sereia de Meaípe" busca o público infantil-juvenil mas em sua importância para os adultos está a importância do jovem teatro capixaba".

No elenco estão 14 atores, cinco deles estreantes: Bob de Paula, Adalro José Vivaldi, Virgínia Lima, Cledson de Paula, Francisco Israel Pereira, Izalt Brodel, Urubatan Medeiros, Llamara Ramalhet Fernandes, Joana Dias, Odete Cesar Alves, Elizabeth Gonçalves, Fátima Lima, Carlos Roberto Claudino e Alcione Dias. Assistente de produção: Roberto Rocha. Vestuário: Rose de Freitas e Virgínia Lima. Cenografia: Kieber Frizzera. Trilha sonora de Luiz Palma Lima. Iluminação de Flávio dos Santos. Coreografia de Maria Cecilia Hermeto Arantes.

## Vitória ainda não dá condições para um teatro profissional

Nesta entrevista, Bob de Paula, autor e diretor, juntamente com Alcione Dias, de "A Sereia de Meaípe", fala do seu novo trabalho e das dificuldades de atuação teatral em Vitória, onde o número de casas de espetáculo é muito menor que os grupos nela atuantes.

O que representa a estreia de "A Sereia de Meaípe"? — nós ensaiamos desde maio com pessoas com e sem experiência no teatro amador. Desde o início o pessoal se mostrou cooperativo, com vontade de trabalhar e uma vontade maior ainda de estreiar. A estreia fez com que os atores se sentissem realizados com uma série de trabalhos que vem sendo desenvolvidos desde fevereiro com os ensaios paralelos de "Antígona" e "A Sereia de Meaípe", já que os dois elencos são basicamente comuns.

Um trabalho completava o outro com os exercícios e laboratórios que realizávamos na SCAV, a aplicação disso nos ensaios das duas peças, e, finalmente, a apresentação do resultado no último domingo. Um ator, especialmente amador, depois de um certo tempo de exercícios, ensaios, etc., deve apresentar seu trabalho ao público como forma de avaliação. E nada como o público como avaliador. Especialmente o infantil-juvenil que é mais exigente, não em termos técnicos, mas nos termos práticos de vivência do espetáculo. Somente a partir da estreia, é que uma montagem teatral começa a se desenvolver. Assim como também os atores não sentem apenas a reação e interferência do diretor, mas as vibrações que vêm do público, o que lhe dá mais energia.

Como você vê as condições de um trabalho teatral em Vitória?

— O mais importante para se fazer teatro é, primeiramente, o público. E depois o local apropriado. Em Vitória, existem o Teatro Carlos Gomes e Teatro Estúdio. Se tornarmos, por exemplo, os grandes centros, onde durante as temporadas várias peças se apresentam em várias localidades por vários dias, sem ficar condicionada a limitar o número de apresentações, em Vitória, as duas casas de espetáculos não podem atender às exigências do mercado teatral, fazendo com que os grupos fiquem limitados à temporadas relâmpago, mesmo com sucesso de público. Ou aqueles que possuem propósitos ou ideais

procuram levar as peças ao interior a fim de dar uma maior experiência de palco ao ator amador capixaba.

E existem possibilidades deste ator amador se profissionalizar?

— Devido aos fatores acima, não. A não ser que os produtores, quando ele não é um órgão oficial, tenham coragem bastante para fazer o que os grupos de Belo Horizonte e Manaus, por exemplo, fazem: sair de sua cidade e se apresentar nos Estados vizinhos. Isto, naturalmente, exige dinheiro, que deveria vir da bilheteria do teatro onde a peça foi apresentada originalmente. Esta renda deveria cobrir a produção e dar margem a gastos promocionais: viagens para contatos, publicidade, etc.

E a ajuda da Fundação Cultural?

— A Fundação promove os espetáculos locais como os que vêm do Rio e São Paulo: com os "press-releases" divulgados através dos veículos de comunicação. No entanto, a Fundação tem procurado dar apoio, cedendo o Teatro Estúdio para local de ensaios a todos os grupos amadores de Vitória. Mas acho que no momento que alguém decide fazer teatro profissional deve procurar ser menos dependente dos órgãos oficiais, trabalhando em conjunto com eles.

E os planos futuros do Teatro da Barra?

— O Grupo da Barra tem desenvolvido um trabalho tendo como base a história e o folclore capixaba. Ano passado, apresentamos "Anchieta; Depoimento". E agora "A Sereia de Meaípe". Paulo de Paula, diretor de "Anchieta", está em São Paulo, fazendo um trabalho de pesquisa para desenvolver o tema da peça. Além disso, chegamos a ensaiar "O Dia do Governador", uma peça em "sketchs" que não estreou. Depois de "A Sereia de Meaípe" pretendemos apresentar "O Urubu que Cantava", cujo texto ainda está sendo desenvolvido. Esta fábula é proveniente da época em que os urubus eram os únicos responsáveis pela limpeza urbana de Vitória. Tenho trabalhado também, mas não para um montagem imediata, num texto sobre os últimos dias da vida de D. Pedro II e seu amor platônico pela condessa de Barral, uma européia. A tendência do grupo da Barra é se profissionalizar, acumulando verba para produções futuras. Claro, é um plano a longo prazo. Talvez o tempo bastante para Vitória ter condições para tanto. Pois não pretendemos sair do Espírito Santo.

## A sereia, segundo o povo de Meaípe

As cinco horas da tarde, e porteiros do edifício no 963, da rua Alaxio Netto, Praia do Centro, indicou-me o apartamento 202 onde reside a escritora Virgínia G. Tamanini.

Uma menina, rímda como personagem de romance regionalista, atendeu-me — a porta entreaberta — perguntando se eu era a visita que esperavam. Respondi-lhe que havia marcado uma entrevista para aquele horário com a senhora Virgínia Tamanini. Ela então apontou outra porta, a de sete.

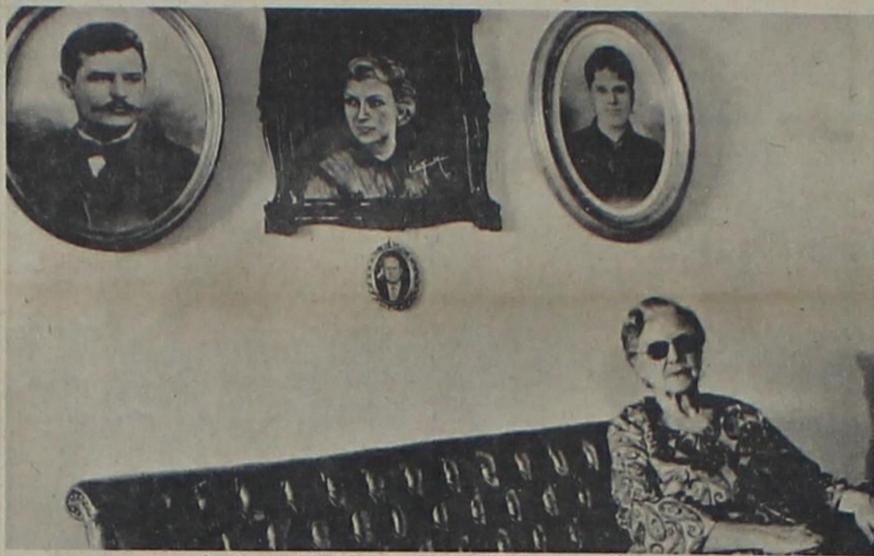
Ao ser apresentada à escritora, notei que, embora tivesse autografado dezenas de exemplares do livro "Estradas do Homem" no noite anterior, ela não demonstrava cansaço, como se estivesse a luta de longos anos com palavras, frases e páginas.

Quando lhe perguntei a que atribuiu a fama que possui como escritora numa terra desprovida de encantos especiais, foi categórica: "Cada qual sabe o que vale. Realmente, eu tive muita sorte nos momentos de minhas obras, desde meu primeiro livro, de poesias, intitulado "A Voz do Coração",

publicado em 1942, em Belo Horizonte, mas que teve boa recepção também aqui em Vitória".

Virgínia Tamanini discorre sobre a época áurea da "Arádia Espírito-Santense", de qual faz parte num período marcante de sua vida e das vidas de muitos poetas capixabas. A escritora sorri, nostálgica: "A Arádia Espírito-Santense" foi uma escola para mim. Estive lá muito após conhecê-la. Em dezembro de 1947, a "Arádia", de qual participavam os grandes nomes capixabas, promovia algo inusitado: a Quinzena de Arte. Nela houve diversas promoções culturais e artísticas: excursões ao interior do Estado, palestras sobre poesia, técnicas e artes. Participamos de diversas cidades, divulgando e ensinando poesia. Falávamos sobre outros assuntos, porém a poesia ia na frente puxando o cordão. O fundador e primeiro presidente da "Arádia" foi Eraldo Lima. Eu estava lá mudando. Morava aqui há pouco tempo. Naquele época não era como hoje: para frequentar esta "Academia de Poesia" tínhamos que apresentar trabalhos, poesias e, frequentemente, declamá-las".

## Literatura



Aos 82 anos, Virgínia acaba de lançar "As Estradas do Homem".

## Virgínia Tamanini: a arte capixaba da escritora e artista plástica

A "Sereia" da praia de Meaípe, segundo seus moradores.

Entrevista a Fernando Tatagiba

Benedito Matos, 82 anos: "Ouvir falar pelos mais velhos os mais antigos habitantes daqui. A minha mãe morreu com 105 anos e justamente ela contava essas coisas. Ela se me dizia que aparecia uma mulher em cima de uma pedra que existe no meio da poça, perto do mar. A tal "mulher" ficava ali e depois desaparecia. Porém, só aparecia meio corpo. A outra metade não se via. Com certeza era igual a peixe. Assim contavam antigamente".

Adele Brandão de Almeida, 53 anos: "Sei porque o pessoal antigo contava muito esse negócio da sereia. Mas eu mesma nunca vi. Sei porque os outros falavam, que ela vinha e ficava na poça da Meirinha. E lá era metade peixe e metade gente".

Deino Santana, 33 anos: "Tem uma poça, na poça da Meirinha". Aparecia ali uma coisa, uma espécie de sereia. Esta é a uma estória que os mais velhos contam pra gente".

Nilo Almeida, 14 anos: "Já ouvi falar, mas nunca acreditei não. Porque a gente ia pescar lá na poça e diziam que não podia pescar porque tinha sereia lá. Eu ficava com medo mas nunca acreditei não".

Aderlândia Leal Santana, 70 anos: "Ouvir falar que pessoas mais velhas que eu, encontraram a sereia em cima de uma pedra. Encontraram e, então correu gente que foram para lá para ver, mas não viram mais. As mulheres estavam lavando roupa. Só quem viu foram as duas mulheres. Elas ficaram assombradas".

Segundo a escritora, a "Arádia" promoveu, ainda na Quinzena de Arte, a encenação de uma peça no Teatro Carlos Gomes denominada "Cristina da Suécia", que se tornou um grande acontecimento para Vitória, tendo em vista serem raros por aqui espetáculos de arte dramática. O texto foi traduzido do francês por Virgínia Tamanini, que o adaptou ao ambiente e aos costumes da cidade. Devido ao sucesso da encenação, "Cristina da Suécia" foi reprisada a pedido da prefeitura e de espectadores entusiasmados "que quase derrubaram a porta do teatro na noite de estreia".

Virgínia Tamanini atribui a grande receptividade de seus livros nos meios intelectuais capixabas devido à intensa luta que manteve durante longos anos em favor da cultura do Espírito Santo e "por isto, talvez, as pessoas, reconhecidas por estas e outras atitudes, acolham bem minhas investidas no campo literário".

Numa época em que a mulher primava por se manter alheia à cultura e à arte, Virgínia Tamanini escrevia poesias. E peças teatrais. E romances.

"Em 1914, continua Virgínia, conheci o poeta Olavo Bilac, no Rio de Janeiro. Era, ao contrário do que muitos julgam, uma criatura humilde. Um tanto esquivo, é verdade, porém bastante simples para a fama que possuía como maior poeta brasileiro. Meu relacionamento com Bilac foi rápido porém marcante em minha vida; estávamos num sara num casa de família. Naquele tempo eu ainda não escrevia versos, mas gostava de recitar. Então, nessa reunião de literatos, declamei um extenso poema, "Y Juca Pirama". Olavo Bilac aplaudiu, veio apertar minha mão e incentivou-me a "estudar" poesia. Sim, porque naquele tempo não era como hoje: para tornar poeta precisava-se de muito estudo, conhecer métrica e rima".

Nascida numa fazenda do Vale do Canaã, em Santa Teresinha, no ano de 1897, a escritora aprendeu as primeiras letras com professores particulares, continuando seus estudos no Rio de Janeiro. Desde cedo revelou inclinação para a literatura e foi considerada como autodidata. Seu primeiro trabalho literário foi um romance-folhetim publicado no jornal "O Comércio", em Santa Leopoldina: "Amor sem Mácula". Escreveu diversas peças teatrais, todas encenadas: "Em Pleno Século XX", "Amor de

## As estradas de Virgínia Tamanini

Nesci ainda no século passado  
vivi portanto deslumbrada e "palida de espanto,  
a idade de ouro da humanidade.  
Da lamparina de querosene,  
cuja grista eu mesma acendava antes de me recolher,  
uma época em que os contratos de iluminação das vias  
públicas previam a dispensa de acender os lampiões  
nas noites de luar,  
satisfeitos e assustados,  
para a lâmpada incandescente.  
(De Edison ou de Aladim?)  
Acostumada a viajar a cavalo, no nada de lado no sítio  
ou de canoa, sentada na poça,  
protegida do sol e da chuva pelo tábua de junco grosso,  
— assisti regressarem-se as primeiras estradas  
e surgirem os primeiros carros, barulhentos e  
maravilhosos.  
Do anexo de ouvir, horas e horas,  
os discos rascantes de ébano no gramofone e meu pai,  
— pausado, de repente, para o hi-fi e o stereo.  
Gritando nos vales meu pecado  
aos camaradas no alto do morro,  
— embalsaquei, duvidando, ao saber que o telefone nascera.  
Tateamos-nos o surgimento do rádio e da televisão,  
— obra de magiões.  
Não acreditei ao ouvir falar nos avôes  
— que só os pássaros era dado voar.  
Das salas rodadas, sobrepontadas, varrer do a poeira das ruas,  
— mergulhei nas ondas de minúsculo, de tampa, de monopólio.  
Escutei a explosão de BOMBA!  
Mas acabei acitando como normal  
a deslida do homem na luz.  
Aquele mesmo João Dráçilo de São Jorge

que aceta no céu tanto encantar  
meus sonhos de amor na juventude.  
Árida, deserta, poeirenta

Nada mais me espanta  
ou me parece impossível,  
agora.  
Por tudo isso penso  
que seria bom deixar as gerações futuras,  
sob a forma de uma estória de amor  
entrelaçada à história pungente e real  
de Santa Leopoldina.  
(Imu Cachorro encando!)  
o despolimento de como a vida era  
no começo deste século.  
Misteriosa e difícil em sua aparente singularidade.  
Dura e perigosa, na carência de meios e de recursos.  
Preconceituosa, sem dúvida,  
mas imantada de permanente encanto, de poesia  
e de ternuras.  
Certamente alguns dos personagens parecerão reais.  
Da propósito lhes mantive os nomes verdadeiros,  
atenda ao objetivo da obra.  
Mas são os personagens secundários,  
povo de fundo do cenário.  
Os principais nunca existiram.  
Ao menos como neste livro são descritos.  
Memórias? Não. De forma alguma.  
Romance? Também não.  
Escrito "corrente cânone", ao correr da pena.  
Sem pretensões ou aplicações meliores.

(Virgínia G. Tamanini)